

SVETLANA ALEKSIÉVITCH

O fim do homem soviético

Tradução do russo
Lucas Simone



Copyright © 2013 by Svetlana Aleksiévitch

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Время секунд хэнд

Capa

Daniel Trench

Foto de capa

PG/ Magnum Photos/ Latinstock

Preparação

Ana Lima Cecílio

Revisão

Clara Diamant

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aleksiévitch, Svetlana

O fim do homem soviético / Svetlana Aleksiévitch; tradução do russo Lucas Simone. — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2826-6

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – Atrocidades – Rússia – Narrativas pessoais russas 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Campanhas – Rússia – Narrativas pessoais russas 3. Guerra Mundial, 1939-1945 – Participação feminina – Narrativas pessoais russas 4. Literatura russa I. Título.

16-07719

CDD-940.54217082

Índice para catálogo sistemático:

1. Russas: Narrativas pessoais : Guerra
Mundial, 1939-1945 940.54217082

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompahia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Cronologia — A Rússia depois de Stálin	11
Observações de uma cúmplice	19
PRIMEIRA PARTE: O APOCALIPSE COMO CONSOLAÇÃO	
Sobre o ruído das ruas e as conversas na cozinha (1991-2001)...	33
<i>Sobre ivan-bobinho e o peixinho dourado.....</i>	33
<i>Sobre começar a amar e sobre como deixamos de amar</i>	
<i>Gorby.....</i>	37
<i>Sobre como o amor veio, mas pela janela se viam tanques....</i>	41
<i>Sobre como as coisas se equiparam às ideias e às palavras...</i>	45
<i>Sobre crescer entre carrascos e vítimas.....</i>	51
<i>Sobre o que precisamos escolher: uma grande história</i>	
<i>ou uma vida banal</i>	55
<i>Sobre tudo.....</i>	57
Dez histórias do interior vermelho	60
<i>Sobre a beleza da ditadura e sobre o mistério da borboleta</i>	
<i>no cimento</i>	60

<i>Sobre irmãos e irmãs, carrascos e vítimas... e sobre o eleitorado</i>	106
<i>Sobre sussurros e gritos... e sobre o êxtase.....</i>	120
<i>Sobre um solitário marechal vermelho e sobre os três dias da revolução esquecida</i>	141
<i>Sobre a esmola das lembranças e sobre a luxúria do sentido.....</i>	184
<i>Sobre uma outra bíblia e sobre outros crentes</i>	215
<i>Sobre a crueldade da chama e sobre a salvação nas alturas</i>	241
<i>Sobre a doçura do sofrimento e sobre o cerne do espírito russo.....</i>	271
<i>Sobre o tempo em que qualquer um que matava alguém pensava estar servindo a Deus.....</i>	305
<i>Sobre a pequena bandeira vermelha e sobre o sorriso do machado</i>	320
 SEGUNDA PARTE: O FASCÍNIO DO VAZIO	
<i>Sobre o ruído das ruas e sobre as conversas na cozinha (2002-12)</i>	369
<i>Sobre o passado.....</i>	369
<i>Sobre o presente</i>	376
<i>Sobre o futuro</i>	382
 Dez histórias sem interior.....	389
<i>Sobre Romeu e Julieta... mas que se chamavam Margarita e Abulfaz</i>	389
<i>Sobre as pessoas que rapidamente se transformaram depois do comunismo.....</i>	408
<i>Sobre a solidão que é muito parecida com a felicidade.....</i>	429
<i>Sobre o desejo de matá-los todos, e depois sobre o horror de ter desejado isso.....</i>	446

<i>Sobre a velha com a foice e sobre a moça bonita</i>	465
<i>Sobre a desgraça alheia que Deus colocou na soleira da sua porta.....</i>	493
<i>Sobre a vida que é foda e sobre os cem gramas de um pozinho leve em um vasinho branco.....</i>	511
<i>Sobre como nada enoja os mortos e sobre o silêncio do pó ..</i>	524
<i>Sobre uma escuridão pérfida e sobre “outra vida, que se pode fazer a partir desta”.....</i>	549
<i>Sobre a coragem e sobre o que vem depois dela</i>	573
<i>Observações de uma cidadã</i>	593

Observações de uma cúmplice

Nós nos despedimos da época soviética. Daquela nossa vida de antes. Venho tentando ouvir com franqueza todos os participantes do drama socialista...

O comunismo tinha um plano insano: refazer o “velho homem”, o antigo Adão. E conseguiram fazer isso... Talvez tenha sido a única coisa que conseguiram fazer. Depois de setenta e tantos anos, no laboratório do marxismo-leninismo, cultivaram uma espécie humana peculiar, o *homo sovieticus*. Uns consideram-no um personagem trágico, outros o chamam de *sovok*.*

Tenho impressão de que conheço essa pessoa, ela me é bem conhecida, estou junto dela, vivi ao lado dela por muitos anos. Ela sou eu. São meus conhecidos, meus amigos, meus pais. Durante anos, viajei por toda a antiga União Soviética, porque o *homo so-*

* Uma pá grande e rústica para apanhar lixo, no sentido literal. A partir dos anos 1970, aproximadamente, passou a denotar o homem soviético de forma pejorativa, sobretudo aquele que aderia cegamente à ideologia oficial. [Esta e as demais notas são do tradutor.]

vieticus não é apenas o russo, mas também o bielorrusso, o turco-meno, o ucraniano, o cazaque... Agora vivemos em países diferentes, falamos línguas diferentes, mas somos inconfundíveis. Dá para reconhecer de cara! Somos todos pessoas do socialismo, semelhantes e não semelhantes às demais pessoas: temos nosso vocabulário, nossa noção de bem e de mal, de heróis e de mártires. Temos uma relação particular com a morte. São recorrentes nos relatos que eu colho palavras que ferem os ouvidos: “atirar”, “fuzilar”, “liquidar”, “passar em armas”, ou ainda aquelas variantes soviéticas para desaparecimento, como “detenção”, “dez anos sem direito a correspondência”, “emigração”. Quanto pode valer a vida humana se nos lembrares de que há pouco tempo milhões morreram? Estamos cheios de ódio e de preconceitos. Tudo vem de lá, de onde havia o gulag e a terrível guerra. A coletivização, a expropriação dos *kulaks*, a migração dos povos...

Isso era o socialismo, e essa era simplesmente a nossa vida. Na época, falávamos pouco sobre ela. Mas agora que o mundo mudou irreversivelmente, todos passaram a ter interesse naquela nossa vida; não importa como ela era, essa era a nossa vida. Eu escrevo, procuro nos grãozinhos e nas migalhas a história do socialismo “doméstico”... do socialismo “interior”. De como ele vivia na alma humana. Sempre sinto atração por esse pequeno espaço: o ser humano... um ser humano. Na verdade, é lá que tudo acontece.

Por que no livro há tantos relatos de suicídios, e não de pessoas soviéticas normais, com biografias soviéticas normais? No final das contas, as pessoas se matam por amor, por medo da velhice, ou sem muito motivo, por curiosidade, para decifrar o segredo da morte... Busquei aquelas pessoas que se apegaram com todas as forças ao ideal, absorveram esse ideal de tal forma que não podiam se desprender dele: o Estado tornou-se seu universo, substituiu tudo nelas, até a própria vida. Elas não conseguiram

abandonar a Grande História, dar adeus a ela, ser felizes de outra maneira. Mergulhar... perder-se numa existência separada, como acontece hoje em dia, quando o pequeno tornou-se grande. O ser humano quer apenas viver, sem um grande ideal. Isso nunca aconteceu na vida russa, e nem a literatura russa conhece isso. No geral, somos um povo bélico. Ou guerreávamos ou nos preparávamos para a guerra. Nunca vivemos de outra maneira. Daí vem uma psicologia bélica. Mesmo durante a paz, tudo na vida era próprio da guerra. O tambor batia, a bandeira esvoaçava... o coração saltava do peito... A pessoa não percebia sua escravidão, até amava sua escravidão. Eu também me lembro: depois da escola, a classe inteira se organizava para ir desbravar as terras virgens, desprezávamos os que se recusavam, chorávamos e lamentávamos o fato de que a Revolução, a Guerra Civil, tudo tinha acontecido antes de nós. Ao olhar para trás, será que éramos nós mesmos? Era mesmo eu? Eu me lembrava junto com os meus heróis. Algum deles disse: “Só um soviético pode entender um soviético”. Éramos pessoas com uma única memória comunista. Vizinhos de memória.

Meu pai lembrava que ele pessoalmente tinha acreditado no comunismo depois do voo de Gagárin. Nós fomos os primeiros! Nós podemos tudo! E foi assim que ele e a minha mãe nos educaram. Eu era uma outubrista, usava uma medalhinha com um menino de cabelo encaracolado; era uma pioneira, uma *komsmolka*.^{*} A decepção veio depois.

* Outubristas (em russo, *oktiabriónok*) eram crianças de sete a nove anos que faziam parte da organização infantil do Partido, criada em homenagem à Revolução de Outubro. A medalha citada pela autora era usada por essas crianças. Os pioneiros eram, grosso modo, o equivalente soviético dos escoteiros. *Komsmolka* era a jovem que fazia parte do Komsomol, a Juventude do Partido Comunista da União Soviética.

Depois da perestroika, todos esperavam o momento em que abririam os arquivos. E eles foram abertos. Ficamos sabendo da história que tinham escondido de nós...

“Devemos arrastar conosco 90 milhões dos cem que povoam a Rússia Soviética. Com os demais é impossível falar: é preciso destruí-los.” (Zinóiev, 1918)

“Enforcar (enforcar impreterivelmente, para que o povo veja pelo menos mil *kulaks* inveterados, dos mais ricos... tomar-lhes o pão, designar reféns... Fazer de tal forma que num raio de cem verstas o povo veja e estremeça...” (Lênin, 1918)

“Moscou está literalmente morrendo de fome.” (professor Kuznetsov a Trótski)

“Isso não é fome. Quando Tito tomou Jerusalém, as mães judias comeram seus próprios filhos. Quando eu fizer suas mães comearem os próprios filhos, aí você pode vir e dizer: ‘Estamos morrendo de fome’.” (Trótski, 1919)

As pessoas liam os jornais e as revistas e ficavam caladas. Sobre elas desabou um horror irremovível! Como viver com isso? Muitos encararam a verdade como um inimigo. E a liberdade também. “Não conhecemos nosso país. Não sabemos como pensa a maioria das pessoas; nós as vemos, encontramos com elas todos os dias, mas como elas pensam, o que querem, nós não sabemos. Mas precisamos tomar coragem para estudá-las. Logo saberemos tudo. E ficaremos horrorizados”, disse um conhecido meu, com quem eu sempre conversava na cozinha de casa. Discuti com ele. Isso foi em 1991... Tempos felizes! Nós acreditávamos que amanhã, literalmente amanhã, começaria a liberdade. Começaria do nada, a partir dos nossos desejos.

Dos *Diários* de Chalámov: “Fui um participante da grande batalha perdida pela renovação real da vida”. Isso foi escrito por

um homem que passou dezessete anos nos campos stalinistas. A nostalgia pelo ideal permaneceu... Eu dividiria os soviéticos em quatro gerações: a de Stálin, a de Khruschóv, a de Bréjnev e a de Gorbatchóv. Sou dessa última. Para nós, foi mais fácil aceitar o colapso do ideal comunista, já que não tínhamos vivido naquela época em que o ideal era jovem, forte, com a magia daquele romantismo funesto e daquelas esperanças utópicas ainda não dissipada. Crescemos na época dos anciões do Krémlin. Em tempos vegetarianos, de jejum. O grande sangue do comunismo já tinha sido esquecido. O entusiasmo causou estragos, mas resguardou o conhecimento de que a utopia não pode se transformar em vida.

Foi na primeira guerra da Tchetchênia... Conheci uma mulher numa estação de trem em Moscou, ela era de algum lugar nos arredores de Tambov. Estava indo para a Tchetchênia, buscar o filho da guerra: “Não quero que ele morra. Não quero que ele mate”. O Estado já não possuía a sua alma. Era uma pessoa livre. Havia poucas pessoas como aquela. Havia mais pessoas que se irritavam com a liberdade: “Comprei três jornais, e em cada um tinha uma verdade. Onde é que está a verdade real? Antes você lia o jornal *Pravda** de manhã e ficava sabendo tudo. Entendia tudo”. Demoravam para sair da anestesia da ideia. Se eu começasse a falar de arrependimento, em resposta ouvia: “E do que eu tenho que me arrepender?”. Cada um se sentia vítima, mas não cúmplice. Um dizia “eu também fui preso”; outro, “eu lutei na guerra”; um terceiro, “eu ergui minha cidade dos escombros, carreguei tijolo dia e noite”. Isso era totalmente inesperado: todos estavam ebrios com a liberdade, mas não prontos para ela. Onde é que ela estava, a liberdade? Só na cozinha, onde continuavam xingando o governo, como de costume. Xingavam Iéltsin e Gorbatchóv. Iéltsin por

* *Pravda* em russo significa “verdade”.

ter traído a Rússia. E Gorbatchov? Gorbatchov por ter traído tudo. Todo o século xx. Agora para nós também será como é para os outros. Para todos. Pensávamos que dessa vez daria certo.

A Rússia mudou, e odiou a si mesma por ter mudado. “O mongol imóvel”, escreveu Marx sobre a Rússia.

A civilização soviética... Tenho pressa para gravar seus rastros. Rostos conhecidos. Não faço perguntas sobre o socialismo, mas sobre o amor, o ciúme, a infância, a velhice. Sobre música, danças, penteados. Sobre os milhares de detalhes de uma vida que vai desaparecendo. Essa é a única maneira de enquadrar a catástrofe no contorno do cotidiano e de tentar contar alguma coisa. De compreender alguma coisa. Não canso de me surpreender com o quanto interessante é a vida humana comum. A infinita quantidade de verdades humanas... A história se interessa apenas pelos fatos, mas as emoções ficam à margem. Não é costume admiti-las na história. Eu, porém, olho para o mundo com os olhos de uma pessoa de humanas, não de historiadora. E me surpreendendo com o ser humano.

Já perdi meu pai. E não posso mais terminar uma das conversas que tive com ele... Ele disse que morrer na guerra era mais fácil para seus contemporâneos do que para aqueles meninos bissonhos que estavam então morrendo na Tchetchênia. Nos anos 1940, eles saíram de um inferno para outro. Antes da guerra, meu pai estudava em Minsk, no Instituto de Jornalismo. Ele lembrava que, quando voltavam das férias, era comum não encontrarem um professor conhecido sequer, todos tinham sido presos. Eles não entendiam o que estava acontecendo, mas tinham medo. Tinham medo, como na guerra.

Meu pai e eu tínhamos poucas conversas francas. Ele tinha pena de mim. E eu, tinha pena dele? Tenho dificuldade em responder a essa pergunta... Éramos implacáveis com nossos pais. Achávamos que a liberdade era uma coisa muito simples. Pouco tempo se passou, e nós mesmos nos curvamos sob o seu fardo, porque ninguém nos ensinou o que era a liberdade. Só nos ensinaram a morrer pela liberdade.

Áí está ela, a liberdade! Foi essa que nós esperamos? Estávamos dispostos a morrer por nossos ideais. Travar uma luta. Mas então começou uma vida “tchekhoviana”. Sem história. Ruíram todos os valores, exceto pelos valores da vida. Da vida em geral. Novos sonhos: construir uma casa, comprar um bom carro, plantar uma groselheira... A liberdade acabou sendo a reabilitação da pequena burguesia, geralmente espezinhada na vida russa. A liberdade de Sua Majestade, o Consumo. Da grandeza das trevas. Das trevas dos desejos, dos instintos, da vida humana secreta, de que tínhamos só uma vaga noção. Durante toda a história sobrevivemos, mas não vivemos. E agora aquela experiência de guerra já não era necessária, era preciso esquecê-la. Milhares de novas emoções, de situações, de reações... Como que de súbito, tudo ao redor ficou diferente: as placas, as coisas, o dinheiro, a bandeira... E o próprio ser humano. Ele se tornou mais colorido, mais particular, o monólito voou pelos ares, e a vida dissipou-se em pequenas ilhas, em átomos, em células. Como está em Dal:^{*} liberdade e vontade... vontade e espaço... liberdade e vastidão. O grande mal tornou-se uma lenda distante, um romance político detetivesco. Ninguém falava mais do ideal, falavam de crédito, de por-

* Vladímir Ivánovich Dal (1801-72), famoso lexicógrafo russo. Seu dicionário da língua russa, publicado nos anos 1860, é utilizado até hoje. Muitos dos verbetes trazem referências etimológicas e associações semânticas que não possuem análogos nas línguas neolatinas, como a mencionada no texto, entre liberdade e espaço ou vastidão.

centagens, de câmbio; não ganhavam mais dinheiro, agora “faziam”, “lucravam”. Será que por muito tempo? “A mentira do dinheiro na alma russa é inextirpável”, escreveu Tsvetáieva. Era como se os heróis de Ostróvski e de Saltykov-Schedrin tivessem ganhado vida e flanassem por nossas ruas.

Eu perguntava a todos com quem me encontrava: “O que é a liberdade?”. Pais e filhos respondiam de maneiras diferentes. Os que nasceram na URSS e os que não nasceram na URSS não têm experiências em comum. São seres de planetas diferentes.

Para os pais: a liberdade é a ausência do medo; os três dias de agosto em que vencemos a tentativa de golpe; uma pessoa que escolhe no mercado entre cem tipos de *kolbassá** é mais livre que uma pessoa que escolhe entre dez tipos; é não ser chicoteado, embora nós nunca chegemos a ver uma geração que não tenha sido chicoteada; o russo não entende a liberdade, ele precisa do cossaço e do açoite.

Para os filhos: a liberdade é o amor; a liberdade interna é o valor absoluto; quando você não tem medo dos seus desejos; é ter muito dinheiro, porque então você terá tudo; quando você consegue viver de maneira a não pensar na liberdade. Liberdade é o normal.

Estou procurando uma linguagem. O ser humano tem muitas linguagens: há aquela em que conversamos com as crianças; há ainda aquela em que se fala de amor... Mas há também a linguagem em que falamos conosco mesmos, construímos nossas conversas interiores. Na rua, no trabalho, em viagens: em todo o

* Tradicional embutido russo, semelhante ao salame. É proverbialmente associado a comida e a abundância, tendo certo paralelismo com o conceito popular de “mistura”.

lugar, ressoa algo diferente, mudam não somente as palavras, mas alguma outra coisa. Até de manhã e à noite as pessoas falam de maneiras distintas. E aquilo que acontece de madrugada entre duas pessoas desaparece completamente da história. Nós nos relacionamos apenas com a história do homem diurno. O suicídio é um tema noturno, o ser humano se encontra na fronteira entre o ser e o não ser. Do sonho. Quero compreender isso com a mesma meticulosidade do homem diurno. Ouvi: “Não tem medo de gostar?”.

Viajávamos pela região de Smolensk. Em uma cidadezinha, paramos perto de um mercado. Que rostos familiares (eu mesma cresci em cidade pequena), que rostos bonitos e bons; e que vida humilhante e miserável ao redor. Começamos a falar da vida. “Você está perguntando de liberdade? É só passar no nosso mercado: tem a vodca que você quiser, *Standart*, *Gorbachóv*, *Pútinka*, *kolbassá* aos montes, queijo, peixe. Tem banana. Quem precisa de mais liberdade? Isso aqui é o bastante.”

“E terra, vocês receberam?”

“E quem é que vai dar o suor nela? Quem quiser pode pegar. Aqui um tal Vaska Krutoi pegou. Tem um moleque de oito anos, que fica puxando o arado do lado do pai. Se você for trabalhar com ele, enquanto não roubar, não descansa. É um fascista!”

Em “A lenda do Grande Inquisidor”, de Dostoiévski, há um debate sobre a liberdade. Sobre o fato de que o caminho da liberdade é difícil, penoso, trágico... “Para que conhecer esse maldito bem e mal, quando isso custa tão caro?” O tempo todo o ser humano deve escolher: a liberdade ou o bem-estar e a ordem na vida; a liberdade com sofrimento ou a felicidade sem liberdade. E a maioria das pessoas escolhe o segundo caminho.

O Grande Inquisidor diz a Cristo, que voltou à terra:

Por que vieste para nos atormentar? Pois Tu vieste para nos atormentar, e Tu mesmo o sabes.

Por tanto respeitar o Homem, Tu agiste como se deixasses de ter piedade dele, porque exigiste demais dele... Respeitando-o menos, menos exigirias dele, e isto seria mais próximo do amor, pois mais leve seria seu fardo. Ele é fraco e vil... Em que pode ser culpada uma alma fraca, que não tem forças para conter dádivas tão tremendas?

Não há tarefa mais incessante e torturante para o homem do que, tendo se tornado livre, encontrar depressa alguém diante de quem possa curvar-se... e a quem possa repassar depressa aquela mesma dádiva da liberdade com que essa criatura infeliz nasce...

Nos anos 1990... sim, éramos felizes, já não podemos retornar àquela nossa ingenuidade. Pensávamos que a escolha tinha sido feita, que o comunismo perdera de maneira irreversível. Mas estava tudo apenas começando...

Vinte anos se passaram... “Não nos assustem com o socialismo”, dizem os filhos aos pais.

De uma conversa com um conhecido meu, professor universitário:

No fim dos anos 1990, os alunos riam — contava ele — quando eu relembrava a União Soviética, eles tinham certeza de que um novo futuro se abria diante deles. Agora o quadro é diferente... Os alunos de hoje já descobriram, já sentiram na pele o que é o capitalismo: desigualdade, pobreza, riqueza descarada; eles já viram bem de perto a vida dos pais, para quem não sobrou nada da pilhagem do país. E eles adotaram uma postura radical. Sonham

com a sua própria revolução. Usam camisetas vermelhas com retratos de Lênin e Che Guevara.

Há um novo apelo pela União Soviética. Pelo culto a Stálin. Metade dos jovens de dezenove a trinta anos considera Stálin “um grande político”. Num país em que Stálin aniquilou mais pessoas do que Hitler, um novo culto a Stálin?! Tudo que é soviético está de novo na moda. Por exemplo, os cafés “soviéticos”, com nomes soviéticos e comida soviética. Apareceram doces “soviéticos” e *kol-bassá* “soviética”, com o cheiro e o gosto que conhecíamos desde a infância. E, claro, a vodca “soviética”. Na televisão, dezenas de programas, e na internet dezenas de sites de nostalgia “soviética”. Você pode visitar como turista os campos stalinistas — Solovkí, Magadan. O anúncio afirma que, para uma sensação plena, você vai receber um macacão de campo, uma picareta. Mostram os barrações restaurados. E no fim organizam uma pescaria...

Ideias antiquadas estão de volta: do Grande Império, da “mão de ferro”, do “caminho peculiar da Rússia”... Restituíram o hino soviético, existe um Komsomol, só que ele se chama *Náchi*,^{*} existe o partido do poder, que copia o partido comunista. O presidente tem o mesmo poder do secretário-geral. Absoluto. Em vez do marxismo-leninismo, a Igreja ortodoxa...

Antes da revolução de 1917, Aleksandr Grin escreveu: “E o futuro parece que deixou de estar em seu próprio lugar”. Cem anos se passaram, e mais uma vez o futuro não está em seu lugar. Chegou a época do *second-hand*.

* “Os nossos”, no sentido literal. Organização política jovem que apoiava o governo Pútin. Deixou de existir em 2013.

* * *

Barricadas são um lugar perigoso para um artista. Uma armadilha. Lá, a visão fica estragada, as pupilas se fecham, o mundo perde as cores. Lá, o mundo torna-se preto e branco. De lá, já não se distingue um ser humano, você só vê um ponto preto: um alvo. Passei a vida toda nas barricadas; eu gostaria de sair de lá. Aprender a ter alegria com a vida. Ter de volta minha visão normal. Mas dezenas de milhares de pessoas saem novamente às ruas. De mãos dadas. Elas têm fitas brancas nos casacos. Um símbolo de renascimento. De luz. Eu também estou com eles.

Encontrei na rua jovens usando camisetas com a foice e o martelo e o retrato de Lênin. Será que eles sabem o que é o comunismo?